

1904

# QUANDO LISBOA E PORTO SE LIGARAM POR TELEFONE

**P**ensada para 1888 a ligação telefónica de Lisboa ao Porto, o projecto seria abandonado e apenas retomado em 1901. Nessa altura, a «Anglo-Portuguese Telephone» e o governo negociavam novo contrato.

Trata-se de um acordo marcante para a modernidade do serviço telefónico nacional. Para trás ficava um período incipiente de organização e desenvolvimento, com muita incompreensão à mistura por parte de entidades e instituições diversas.

Depois, e após a consolidação da implantação telefónica nas duas maiores cidades do país, o governo avançaria com legislação própria para a rede telefónica nacional (Setembro de 1904). As primeiras redes fora da área da APT ganham corpo: Coimbra e Braga (1905) com interligação às redes de Lisboa e Porto.

## O CONTRATO DE 1901

Datado de 15 de Abril de 1901, o acordo estabelecido entre o governo e a APT obriga esta a montar equipamentos e centrais mais actuais, a concretizar rapidamente a ligação Lisboa-Porto por telefone e a substituir as linhas aéreas por cabos subterrâneos na baixa comercial daquelas duas cidades.

As linhas, até então de circuitos simples, com retorno por terra, foram também objecto do contrato. Tal sistema produzia induções e ruídos, provocando crescentes reclamações. A ligação de dois fios por telefone, como ainda hoje existe, começa a ser realizada a partir de 1904.

O contrato incidiria ainda na implantação de cabinas telefónicas (postos públicos). A APT instalaria um mínimo de 12 cabinas em Lisboa e 6 no Porto, em zonas de grande densidade populacional e comercial.

Novos preçários do serviço telefónico distinguem casas comerciais (45 000 reis anuais) e casas particulares e médicos (33 750 reis anuais), desde que a distância entre o telefone e a central não exceda mil metros. Nessa época, não havia pagamento por chamadas: ao subscritor cobrava-se uma taxa fixa, fosse qual fosse o número de telefonemas efectuados.

## «A NITIDEZ ERA TÃO PERFEITA...»

Em Fevereiro de 1904, os jornais fazem-se eco das primeiras chamadas telefónicas entre a capital e o Porto. A 23 de Fevereiro, o Ministro das Obras Públicas, conde de Paçõ Vieira, um homem do Porto, fala para o Norte com o seu conterrâneo Dr. Sousa Avides, presidente da Câmara Municipal do Porto.

No dia seguinte, os jornais das duas cidades ligam-se entre si. Diz o «Jornal de Notícias» (Porto): «Da primeira vez a nitidez do som era tão completa e perfeita, que chegámos a perguntar se falávamos para a estação

do Porto».

Numa distância de 350 quilómetros, 4 550 postes suportariam os fios telefónicos de Lisboa ao Porto. A equipa de montagem, chefiada pelo 1.º oficial dos telégrafos Tomás Ribeiro, era composta por 22 guarda-fios, tendo ainda um chefe de guarda e um cabo como elementos da segurança. O custo da montagem foi calculado em 40 contos e a conservação em 20 contos anuais.

## COM UMA LINHA ÚNICA, O REI TINHA PRIORIDADE...

A linha passava por Alverca, Santarém, Torres Novas, Tomar, Coimbra e Vila Nova de Gaia. O Estado, proprietário da linha, estimava obter uma receita anual de 29 contos (10% para a APT).

O decreto regulamentador do serviço interurbano, assinado a 11 de Março de 1904, cria 5 categorias de comunicação, estabelecendo urgências e prioridades. Dado haver somente uma linha entre Lisboa e Porto, uma comunicação do Rei ou dos ministros teria prioridade sobre uma ligação entre simples assinantes. As comunicações efectuadas à hora combinada saíam mais baratas e destinavam-se em especial aos jornais, que enviavam os seus despachos pelo novo meio.

Se o assinante se descuidasse para além dos 3 minutos (unidade de tempo por chamada), a comunicação seria desligada. Isto porque havia outras chamadas em lista. 500 reis era a taxa por período.

## 175 CHAMADAS EM 2 DIAS!

A 9 e 10 de Abril há chamadas telefónicas entre as duas cidades, experimentais e gratuitas para os subscritores que assim o quisessem. O «Jornal de Notícias» apura que se efectuaram 175 chamadas nesses dois dias.

11 de Abril, 2.ª feira, 8 horas da manhã: iniciam-se oficialmente os serviços regulares da linha interurbana. No Porto, está presente o conselheiro Paulo Benjamim Cabral, inspector geral dos telégrafos. O serviço telefónico ainda dependia dos organismos dos correios e telégrafos, actividades mais desenvolvidas na altura.

## O «PIANO» DA RUA DA CONCEIÇÃO (LISBOA)

Na Rua da Conceição, também conhecida por Rua dos Retroseiros, n.ºs 151 a 153, encontra-se em obras um edifício alugado em 1903 à família do conde do Restelo. Cerca de 300 contos teriam sido gastos em adaptações para central telefónica.

Em Maio de 1904 chegam à APT 46 caixas contendo telefones e microfones, no valor de quase 2 contos. Os telefones magnéticos iam ser substituídos por outros, tipo BC. O assinante deixa de «dar» à manivela para encetar ligação com a telefonista; basta levantar o auscultador. Começa a era do «semi-automático», como

então lhe chamariam.

A central BC, a primeira do género no país, inaugurar-se-ia a 25 de Junho de 1904, sob a presidência do Ministro das Obras Públicas. Cerimónia prevista para as 14 horas, seria atrasada para as 16: é que o ministro fora a despacho real.

Ciceronados pelo engenheiro

## AS GENTIS MENINAS DOS TELEFONES

Nesse dia, a média de chamadas atendidas por telefonista foi de 250 a 300. Calcula-se que o comutador BC poderia atingir 8 mil telefonemas diários no máximo do seu rendimento. A central possuía 14 telefonistas de

algumas delas muito gentis, com os seus vestidinhos de verão, naturalmente modestos mas quase todos elegantes, continuavam fazendo as ligações pedidas, sem um minuto de repouso, olhos fixos nas luzes que surgem como que por encanto. É um nunca acabar».

## O «LUNCH»

A inauguração da central BC foi também pretexto para um almoço. O «Diário de Notícias» e «O Século» publicaram a ementa em francês e na íntegra. É uma saborosa peça:

«Chaud: Petits bouchées à la Reine; Croquettes de poulets aux Champignons; Dinde truffée sauce perniceux; Ronds de Veau à la Toulouse.

Froid: Galantine de chapon marbré; Langue à l'ecarlate en bellevue; Chaud froid de volaille à la moderne; Mayonnaise de homard à la Parisienne; Foie-gras de Strasbourg en petites caisses; Sandwichs variées.

Entremets: Gelée au Marasquin et fraises; Mousse d'ananas au Chantilly; Glaces assorties.

Dessert: Petits fours divers; Amandes pralinées; Fruit au caramel; Rebus d'oeuf et de coco; Bombons fins; Genoise à l'Italienne; Vins nationaux et étrangers; Café et liqueurs»

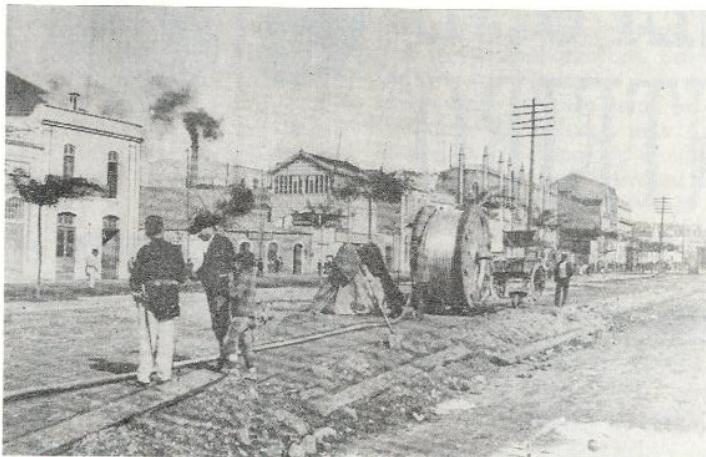
Tão delicioso almoço foi fornecido pela casa Ferrari, o mais afamado estabelecimento da Lisboa dessa época, que se instalara dois séculos atrás no mesmo local de onde só o recente incêndio do Chiado a viria a afastar.

## REDES TELEFÓNICAS DO ESTADO

Nos finais do séc. XIX, só Lisboa e Porto possuíam comércio, Indústria e serviços capazes de assegurar êxito económico na implantação de redes telefónicas. Mas a necessidade do novo meio de comunicação alargar-se-ia lentamente a todo o país. Daí a legislação saída no «Diário de Governo», em Setembro de 1904: o regulamento dos serviços das redes telefónicas do Estado. Fora da área de concessão da APT o Estado assegurava a implantação do serviço telefónico.

Em 1904, surgem as centrais telefónicas de Ponta Delgada (Açores) e Oeiras, esta no estabelecimento do senhor Marques da Silva. A 28 de Junho de 1905 começa a funcionar uma outra central, a de Vila Franca de Xira, com 9 assinantes. O chefe desta estação ganhava 5 tostões diários. O regulamento de 1904 estipula que o pessoal de serviço nas centrais seria pago ao jornal (ao dia).

Ainda em 1905, entram em funcionamento as redes de Coimbra e de Braga, encarando-se a hipótese de instalação de centrais sucursais no Luso, Buçaco e Bom Jesus. Os aparelhos então instalados em casa dos assinantes eram modelos de parede da Western Electric Company, de Londres, e de L. M. Ericsson, de Estocolmo. ■



Este pacato (mas nada bucólico) recanto de «vila de província» é a Lisboa de 1904, quando na zona do Aterro se procedia ao primeiro enterramento de cabos



Na rua do Arsenal e nos Restauradores, as brigadas posam para a posteridade



R. W. Frazer, director técnico da APT, os jornalistas visitaram o edifício antes da inauguração propriamente dita. E deixaram-nos registos curiosíssimos. O jornalista de «O Século» diz que o distribuidor parece um tear: «em duas pranchas a todo o comprimento acham-se inscritos os números de diversas zonas da cidade onde há fios telefónicos». E o jornalista do «Diário de Notícias» julga estar dentro de um piano colossal.

serviço e 2 de piquete, para substituições. O ordenado das telefonistas variava entre 3 mil e 10 mil réis para 8 horas de trabalho. Das 20 às 6 horas da manhã, o serviço era assegurado por homens.

Sobre as telefonistas, escreveu o «Diário de Notícias»: «Sentadas ao longo do seu «switchboard» (aparelho de comutadores), que tem 10 metros de comprimento, as «demoiselles du telephone»,